

## DEBATES

## O DISCURSO COMO CONFORMAÇÃO DA REALIDADE

José Mário Angeli e Rosemari Friedmann  
Universidade Estadual de Londrina — PR

Fenômenos como a consciência são objetos incômodos para a reflexão científica, de forma especial quando se toma o "científico" como coisa ascética.

Discutir o tema "Leitura e Conscientização" implica em tomar os processos de tomada de consciência de um lado, e os processos de posse de linguagem por outro, ou, de forma preferencial a modalidade do agir humano onde esses dois elementos aparecem imbricados.

O termo "Conscientização" dada sua larga utilização, hoje, aparece desgastado e já se faz necessário explicitá-lo para que nossa comunicação não sofra interferências de experiências distintas com o termo. Leitura, por sua vez, já adquiriu um sentido institucional que quando o utilizamos de imediato lembramos "textos".

Importante se faz então deixarmos elucidados de princípio que nos referimos quando no decorrer de nossa exposição utilizamos os dois termos.

Por conscientização estamos entendendo uma atividade do pensamento de apreender o real, captando seus elementos constitutivos e tornando-os explícitos. Para nós a tomada de consciência é processual e portanto sempre imperfeita, inacabada. Ela é projetar-se, projetando a realidade, compreendendo-a. "Conscientização é tomar posse da realidade" ( Paulo Freire, 1980, p. 29 ). E por isso ela exige um conhecimento crítico, pois o sujeito deve penetrar a estrutura desumanizante da sociedade e conhecê-la. De tal forma o conhecimento se dá na prática e não por mero discurso.

Por leitura estaremos nos referindo ao processo global de decodificações das representações, quer estas sejam do real ou do texto que a ele se refere.

Parece-nos que a questão da consciência ou dos processos de conscientização ocupam hoje um lugar privilegiado na teoria do conhecimento ou na moderna epistemologia. Os avanços na pesquisa psicológica ( em especial na área do desenvolvimento humano ), na psicolinguística, na sociolinguística estão a indicar que os ideais de objetividade e não contaminação psicológica do conhecimento científico esbarram nos limites da representação simbólica do saber aurido do real e concreto.

O conhecimento humano se faz limitado pelas limitadas possibilidades de representá-lo. Por isso definimos os termos de nossa intervenção: "O discurso como conformação da realidade".

Procuraremos a seguir, indicar os pontos que elegemos como fortes indicadores dessa afirmação.

## O ESQUEMA MENTAL

A ação do indivíduo sobre o real se estabelece a partir dos esquemas mentais pré-existentes. ( Piaget, 1970 ) O mundo aparece à consciência limitado pelas possibilidades estruturais do sujeito. As incongruências é que tornarão possíveis a

reorganização dos esquemas frente aos novos elementos. As conquistas na compreensão da construção do pensamento da criança estão a levantar questões que precisam ser amplamente estudadas na conduta inteligente do adulto. Enquanto Piaget e seus colaboradores analisam, exaustivamente, os processos de construção das modalidades do pensamento lógico em sua gênese, procurando captar através das ações e das representações destas os processos de elaboração cognitiva; demonstrando como o desenvolvimento cognitivo é a caminhada no sentido da ordenação do real, crescendo qualitativamente pela incorporação de novos dados e, captando as relações entre eles, resta perguntar se o real é ordenado ou a operação mental de ordenação representa em última instância uma necessidade de equilíbrio. A própria tese piagetiana nos referenda esta proposição. As passagens pelos vários estágios de desenvolvimento é no sentido da equilíbrio. Em cada fase ou estágio o real é percebido nos limites estruturais do pensamento. Os elementos ou as relações que a estrutura mental não comporta são, simplesmente, ignorados.

O pensamento humano adulto já teria atingido as possibilidades biológicas de funcionamento e portanto capaz de operar com o real em toda sua extensão e contradições ?

O problema que estamos levantando não é o perguntar se o humano atingiria estágios qualitativamente mais complexos ( embora isto não fique fora de cogitação ), mas se no próprio processo de construção do pensamento os conteúdos e as formas de representação não cristalizariam os contornos do real comportáveis na estrutura mental de um lado, e das possibilidades culturais de representação por outro.

Os estudos sobre a relação entre pensamento e linguagem ( Vigotsky, 1934 ) têm procurado demonstrar a interdependência entre esses dois processos, não subordinando-os um a outro, mas como processos interdependentes num movimento contínuo: "As palavras não se limitam a exprimir o pensamento: é por elas que este acede à existência" ( p. 165 ). Estudos têm demonstrado que os significados das palavras se alteram e assim a relação entre o pensamento e a palavra também se altera. Não poderíamos de forma simplista aceitar a idéia da linguagem como mero instrumental de representação, mas como constitutiva do pensamento e este por sua vez condição de possibilidade do fenômeno lingüístico. "A linguagem nasce de uma praxis, a qual engendra o mental e se expressa de maneira simbólica e abstrata com a palavra" ( Alberto Merani, 1965, p. 49 ).

Assim na medida em que se admite mudanças qualitativas do pensamento ao longo do processo de desenvolvimento, há que admitir mudanças qualitativas do uso e da função da linguagem e conseqüentemente mudanças qualitativas na relação entre ambos.

### DEPENDÊNCIA DAS CATEGORIAS PRÉ-DADAS NA ESTRUTURAÇÃO DO CONHECIMENTO

Até aqui falamos do sujeito que conhece e da forma dinâmica que apreende a realidade, organiza-a, segundo as suas possibilidades estruturais, e como a linguagem se comporta como um elemento constitutivo das possibilidades reais de organização desta realidade.

Cabe, agora, questionarmos sobre os possíveis efeitos que atuam no processo global de conscientização quando o sujeito lida com os símbolos convencionais e com discursos já estruturados, ou seja, qual a possibilidade real do sujeito de compreender em sua estrutura de pensamento e linguagem, discurso sobre a realidade já categorizados, organizados, conformados sócio-culturalmente.

Voltemos-nos então para o discurso escrito, que acredito ainda ser a forma privilegiada da apreensão do conhecimento no âmbito da escola.

Se levarmos em conta que o discurso escrito tem uma distância significativa do discurso oral, nos seus aspectos sintáticos e semânticos, temos que considerar que o texto é necessariamente o discurso mais complexo para o processo de decodificação. O autor ao enfocar uma realidade qualquer, quer seja do ponto de vista científico, filosófico ou estético, está submetido a estrutura formal da língua, e, assim utilizará de forma minimamente ambígua por ser o mais fiel possível à mensagem que ele quer transmitir.

Considerando que a percepção, que se tem da realidade já é de certa forma condicionada às experiências culturais que o sujeito tem sobre ela, num outro nível, no discurso científico, ela já está delimitada pela teoria que lhe dá substrato, temos que considerar que a linguagem aí atua em dois níveis distintos que são condição de possibilidade para a apreensão, organização, estruturação, representação, — atuando como fatores de economia; por outro lado os aspectos sintáticos e semânticos da língua limita a apreensão do real dentro de seus contornos num primeiro nível; e num segundo nível, num discurso escrito, ainda mais conformado pelas normas, restringe as representações e compreensão do real a níveis possivelmente mais estreitos. Cabe-nos agora perguntar se estamos pensando o texto como instrumento de conscientização, temos que pensá-lo dentro de suas limitações porque é na clareza, na propriedade com que se representa o conhecimento nas formas gráficas que fecha-se os limites do sujeito decodificador de apreender as incongruências e distorções.

Por isso quando pensamos em conscientização temos que pensar um sujeito ativo agindo, refletindo, questionando e, pensar o discurso científico, filosófico ou estético como uma forma auxiliar do processo global, e não pensá-lo como instrumento principal; e aqui somos perfeitamente concordes com Paulo Freire quando afirma que a leitura do real deve preceder a leitura do texto, ( Paulo Freire, 1978 ) pois do contrário, quando o real do qual se fala, não está comportado na estrutura mental e da linguagem do indivíduo, o discurso escrito atua de forma autoritária impondo os limites do pensamento no limite da linguagem utilizada.

Assim é de maior importância que o educador ao lançar mão do texto, compreenda-o criticamente para que o processo de leitura remeta para o real e o concreto a que o texto se refere e não conformar-se nos limites do próprio texto, submetendo-os assim e submetendo os alunos a uma decodificação mecânica do texto escrito.

Toda consciência brota de uma praxis, que é essencialmente prática política. "Ela está na capacidade instrumental adquirida pela mão, que tornou possível a ação sobre o meio circundante e deu lugar dessa maneira a transformações que obrigaram o indivíduo a transformar-se por sua vez" ( Alberto Merani, 1965, p. 45 ).

A consciência possui uma relação fundamental consigo mesmo. Esta relação com o próprio eu não se entende num sentido psico-individual, mas cultural. Trata-se da auto-consciência, que o homem tem, como expressão de sua compreensão de si mesmo. Tal compreensão só é possível dentro de um contexto histórico-social.

Além disso o homem mantém uma relação com o mundo. Ele não nasce para um meio determinado e limitado. Ele trava um processo de luta e transformação em seu meio. Essa relação com o mundo sofrerá transformações ao longo da história. Portanto, a consciência do eu e a consciência do mundo conseqüentemente leva a uma consciência histórica que implica numa consciência de classe, que é explicitação do nível pessoal do espaço que ocupa na dinâmica social, e que significa o não ser sozinho mais ser participante deste ou daquele pólo de produção.

A produção científica serve como meio auxiliar, mas não é condição de consciência, ela faz-se necessária, mas não é suficiente.

Quando a escola prevê a utilização do instrumental crítico, de uso de texto desmistificador pretendendo assim uma educação "conscientizadora" ela deverá prever forma de atuação intra-escola e na sociedade mais ampla, ações específicas que além de desvendar a realidade crie condições objetivas de transformá-la. Do contrário, se o traço teórico não estiver respaldado na práxis transformadora, o discurso crítico é consumido como moda, desgasta-se em sua significação, empobrece o concreto a que ele se refere, consome-se no modismo dos chavões. Como moda, passa. Substituída facilmente por outra.

#### BIBLIOGRAFIA

- FREIRE, Paulo, **Conscientização**. Teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. S. Paulo, ed. Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo, **Quatro Cartas aos Animadores de Círculos da Cultura de São Tomé e Príncipe**". in: Carlos R. Brandão ( Org. ). A questão Política da Educação Popular, 3ª ed., S. Paulo, Brasiliense, 1982.
- MERANI, A. L. **A Conquista da Razão**. Mão, Cérebro e Linguagem definição do Homem. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- PIAGET, J. **A Epistemologia Genética**. Petrópolis, Vozes, 1970.
- VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Lisboa, Antidoto, 1979,

\*

#### SUBSÍDIOS PARA A ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO POSITIVISTA

**João Ribeiro Junior**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

"Se somos positivistas, confessa Teixeira Mendes, é porque consideramos que só a Religião da Humanidade pode corresponder, doravante ao ideal de Amor universal ao qual a Humanidade julgou, durante a Idade Média, poder atingir, no Ocidente, mediante o Catolicismo, e no Oriente, mediante o Islamismo. É, portanto, evidente também que aspiramos ver, no mais breve prazo possível, a Humanidade alcançar, graças ao Positivismo, o conagraçamento universal de seus filhos divididos pela diversidade dos modos de Religião no Passado, e pela anarquia cada vez maior do Presente. Está claro, enfim que aspiramos ardentemente pelo momento em que os nossos contemporâneos católicos reconheçam — da mesma sorte que o reconheceram Augusto Comte e Clotilde de Vaux, que ambos tiveram a inestimável felicidade de nascer e ser educados no Catolicismo,— que o Positivismo constitui apenas o digno herdeiro eterno do Catolicismo. (...) Mas daí concluir que sejamos ou nos consideremos inimigos do Catolicismo e dos católicos, cobiçando a sua sucessão com a sacrílega inveja de quem anseia pela extinção da grandeza alheia, sob qualquer

aspecto, material, intelectual, ou moral, é pretender suprimir um abismo intransponível. Pois que a estrita verdade é que nem o Catolicismo é inimigo do Positivismo, nem os positivistas podem — sem cessar de ser positivistas — imaginar, um instante sequer, que o Catolicismo é inimigo do Positivismo. Quando os que hoje se confessam católicos se consideram como inimigos do Positivismo, eles são apenas vítimas de uma cruel ilusão. A nós positivistas cumpre dissipar — sobretudo pela invencível fraternidade de nossos sentimentos, pensamentos, palavras e atos — esse fatal engano. Porque basta confrontar diretamente as duas Religiões que — segundo o Positivismo — assinalam os dois graus contíguos da ascensão religiosa da Humanidade.”

( R. Teixeira Mendes, *Ainda a Atitude dos Positivistas para com os Católicos e demais Contemporâneos* ).

Este texto foi retirado do *Boletim* nº 343, p. 98, de fevereiro de 1913, da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, Rio de Janeiro.

1. Partindo da premissa de que podemos distinguir três tipos de discurso, em seu funcionamento; a que tipo de discurso corresponde o texto acima? É um discurso lúdico? Um discurso polêmico? Um discurso autoritário?<sup>1</sup>

2. Para caracterizá-lo julgamos necessário fazer algumas observações preliminares a respeito do Positivismo.<sup>2</sup>

Augusto Comte, depois de lançar as bases da Filosofia Positivista (*Cours de Philosophie Positive*), aplicando-se em observar fatos, de adivinhar-lhes por indução as leis da coexistência e da sucessão, de deduzir dessas leis, por via da consequência e da correlação, fatos novos, que escapassem à observação direta, mas que a experiência verificava —, voltou-se para a criação de uma nova religião (*Système de Politique Positive* ou *Traité de Sociologie instituant la Religion l'Humanité; Synthèse Subjective* ou *Système Universel des Conceptions propres à l'Etat Normal de l'Humanité*; e o *Catéchisme Positiviste* ).

Seu objetivo, agora, é procurar, na concepção positivista do mundo, a “revelação” de um ser superior ao homem, cujo amor constituiu-se o novo culto. Passa, então, a organizar esta ação da teoria sobre a prática, cujas condições de existência o estudo da História lhe havia desvelado. O passado havia-lhe ensinado que a religião é um dos elementos da ordem social, e que tem sempre um órgão distinto: o sacerdócio. Assim, pela observação direta e pelo estudo da História, apreendeu as condições gerais das religiões. Observou que por toda a parte e sempre, a massa humana reduz o dogma à crença em diversos seres mais poderosos que o homem, finalmente subordinados a um só, no qual ela procura um protetor, um juiz, e mesmo um vingador. Notou que o amor por este ser supremo refreia o egoísmo e aproxima os homens altruísticamente.

Mas foi o Catolicismo que lhe revelou todas as profundezas da alma humana. Encontrou, assim, a forma que revestiria a religião no futuro, e a Humanidade revelou-se-lhe como o ser mais poderoso de todos os seres conhecidos: “O Grande Ser” ( *Le Grand Être* ).

A partir daí criou uma religião puramente natural, racional, científica e exclusivamente humana, que não admite mistérios, revelação, vontade sobrenatural, e que não aceita nenhuma crença, cuja exatidão a razão não tenha podido demonstrar.

No Brasil, o Positivismo, como mística, como religião, não teve grande repercussão, como o teve, como filosofia política, pois encontrou um obstáculo na

formação católica do povo. Mas mesmo assim, sua penetração nas camadas cultas, numericamente reduzidas, em torno das quais girava a atividade política, foi profundamente marcante.

O Positivismo, que permitia que se esposassem reformas progressivas, não só religiosas como políticas, sem romper, violentamente, com os valores tradicionais, passou a ser praticado ( e ainda o é ) como confissão religiosa na Igreja Positivista do Brasil ( Rua Benjamin Constant, 74, Glória, Rio de Janeiro ).

Com a instituição da liberdade religiosa no Brasil, Teixeira Mendes vem a público para defender a **Religião da Humanidade**, e a conduta pública dos positivistas ortodoxos. Daí a razão do texto citado.

3. Nas condições necessárias para a realização do texto em análise, encontramos — de acordo com os ensinamentos de Pêcheux<sup>3</sup> —, um sujeito falante ( Teixeira Mendes ) dominando o referente ( a Religião da Humanidade/Positivismo ) e dando-lhe uma direção particular ( sua apologia frente aos católicos ). Teixeira Mendes é agente de um discurso que se apresenta com força religiosa ( catequese/apologética ) e política ( ideologia/alocação autoritária de valores ), devido a sua colocação de porta-voz do Positivismo na sociedade da época. Teixeira Mendes juntamente com Miguel Lemos foram quem organizaram, sistematicamente, a propaganda doutrinária do Positivismo, vulgarizando os ensinamentos de Augusto Comte por todo o Brasil.

Temos aí a chamada **“Relação de Força”**, espelhando o lugar que o falante — Teixeira Mendes — ocupa na estrutura sócio-política da época. O que irá implicar noutro fator fundamental, a **“Relação de Sentido,”** que se traduz pela remissão aos discursos de Augusto Comte a respeito da Religião da Humanidade, determinando as **“Formações Discursivas”** nas condições de produção do discurso de Teixeira Mendes, isto é, as condições específicas e utilizadas que determinam o que o sujeito ( Teixeira Mendes ) **pode e deve** dizer, a partir de sua situação de positivista, e a conjuntura político-religiosa da época. E falar em condições de produção implica, necessariamente, se levar em consideração as **“Formações Imaginárias,”** ou seja, a maneira pela qual se posiciona, no discurso, o locutor Teixeira Mendes: a) **dominante**, em relação a instituição ( Igreja e Apostolado Positivista do Brasil ); b) **dominante**, quanto à imagem que ele faz de si próprio ( “somos positivista” ), e a imagem que dele faz o outro protagonista ( “nossos contemporâneos católicos” ). A **“Antecipação”** é constatada na estratégia do discurso, quando mostra aos possíveis contestadores ( os católicos ou “os que hoje se confessam católicos” ) que o Positivismo é “digno herdeiro do Catolicismo” ( ... ); “que nem o Catolicismo é inimigo do Positivismo, nem os positivistas podem — sem cessar de ser positivistas — imaginar, um instante sequer, que o Catolicismo é inimigo do Positivismo”. ( ... ); “basta confrontar diretamente as duas Religiões que — segundo o Positivismo — assinalam os dois graus contíguos da ascensão religiosa da Humanidade.” Enfim, tenta mostrar que não há antagonismo entre as duas Religiões. Assim, os argumentos da fé positivista servem, também, de propaganda para a regimentação política.

4. O compromisso ideológico do discurso, em análise, tem a ver com o destino **“eterno”** do homem, como o faz o discurso religioso católico. Destarte, sua linguagem aspira, promete, assegura, ratifica, ao mesmo tempo que provoca, admoesta, julga. Ele está interessado em comunicar um sentido ( religioso e político ) e uma experiência vital ( religiosa e política ).

Apresenta-se, assim, como um **discurso autoritário** da objetividade política, mas inserindo a subjetividade **polêmica** ( e autoritária ) religiosa, porquanto seu interesse é abrir novas esperanças ( no sentido religioso e político ) e prometer

novos rumos para a salvação religiosa e política. Daí empenhar-se não só em transformar as idéias e ideologias dos homens, como, também, as suas atitudes, e os próprios quadros sócio-político-religiosos, em que eles se interagem.

5. A religião visa sempre um modo de ser ( *ethos* ), que pede uma conversão. O tipo de conversão correspondente à experiência religiosa e política positivista será, conforme o discurso, aquela que reforça a ordem ( "**Ordem e Progresso** ), isto é, arranjo, organização, cada coisa em seu devido lugar para perfeita orientação ética da vida social ) — da sociedade ( "**Graças ao Positivismo ( haverá ) o conagraçamento universal de seus filhos divididos pela diversidade dos modos de religião no passado, e pela anarquia cada vez maior do presente.**" ).

A profissão de fé, que se nota no discurso ( sentido religioso ), **oculta**, pois, os motivos ideológicos da Igreja Positivista ( sentido político ).

6. Em síntese o texto espelha um discurso de tipo **polêmico** e **autoritário** ao mesmo tempo; quer dizer, é um **discurso polêmico**, enquanto disputa um sentido religioso, "mantendo a presença do seu objeto, sendo que os participantes não se expõem, mas ao contrário procuram dominar o seu referente, dando-lhe uma direção, indicando perspectivas particularizantes pelas quais o olha e se o diz, o que resulta na **polissemia controlada**".<sup>4</sup> Exemplificando: "... a Religião da Humanidade pode corresponder doravante o ideal de Amor Universal" (...); "aspiramos ver, no mais breve prazo possível, a Humanidade alcançar, graças ao Positivismo, o conagraçamento universal de seus filhos divididos pela diversidade dos modos de religião no passado, e pela anarquia cada vez maior do presente" (...) "aspiramos ardentemente pelo momento em que nossos contemporâneos católicos reconheçam ( ... ) que o Positivismo constitui apenas digno herdeiro eterno do Catolicismo"... E é **autoritário**, enquanto procura absolutizar, dentro do sentido religioso, um sentido mais político, cujo referente ( a Filosofia Política Positivista como metalinguagem, e a Igreja e o Apostolado Positivista, como instituição, como aparelho ideológico ) está **oculto** pelo dizer, resultando numa "**polissemia contida**".

7. O discurso que parece mostrar as intenções do locutor para uma reconciliação do Positivismo com o Catolicismo, como fruto de um processo religioso e político, **oculta**, na realidade, estruturas não de reconciliação, propriamente dita, porém de "**pacificação**", para efeito de dominância ideológica na mecânica das organizações e instituições religiosas e políticas da República Velha.

Esta estratégia de dizer pode ser notada com o funcionamento lexical dos verbos **ser** e **aspirar**, como exigências da dominância do Positivismo, na recuperação de seu tempo histórico e de seu espaço sócio-político-religioso.

#### NOTAS:

(1) ORLANDI, Eni de Lourdes Pulcinelli, "Protagonista do/no Discurso", in **Foco e Pressuposição — Estudos 4**, Uberaba, FISTA, 1978, pp. 30 — 41; "O Discurso Pedagógico: a Circularidade" in **Sobre Semântica — Estudos 5**, Uberaba, FISTA, 1978, pp. 68 — 75.

(2) RIBEIRO JUNIOR, João, "Pensamento Liberal e Positivismo" in **Reflexão**, 17, Campinas, 1980, pp. 90 — 104; "Religião e Positivismo" ( inédito ).

(3) PÉCHEUX, M., **Analyse Automatique Du Discours**, Dunod, Paris, 1969.

(4) ORLANDI, Eni L. Pulcinelli, "O Discurso Pedagógico: a Circularidade", op. cit.